



## DUAS CHINAS: UMA ANÁLISE DO DISCURSO MULTIMODAL EM REPORTAGEM TELEVISIVA DO GLOBO REPÓRTER

BRIDI, João Pietro<sup>1</sup>  
MASTELLA, Veronice<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso que analisa como é representado o país asiático China no discurso construído na reportagem televisiva “Duas Chinas”, produzida em novembro de 2010 e exibida pelo Globo Repórter. A investigação foi realizada a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Gramática do Design Visual (GDV), pois entendemos que o discurso, especialmente o da reportagem televisiva, é uma representação do mundo, e são as linguagens, ou modos semióticos, que constroem tais representações. A intenção, portanto, foi identificar como diferentes elementos semióticos são mobilizados para construir representações e analisar como a dualidade da China é construída discursivamente no gênero reportagem televisiva. A articulação de diferentes linguagens (verbal, imagética, musical) e recursos (efeitos sonoros, movimentos de câmeras, uso de cores) demonstra que esse gênero exige dos profissionais um amplo e profundo conhecimento linguístico. A análise, a partir do *corpus* selecionado, demonstra que o discurso da China tradicional está em proeminência na construção da reportagem, revelando um país que deseja manter sua cultura e, ao mesmo tempo, focando na modernidade. Tal representação do país, construída na reportagem, se dá em razão de que os aspectos culturais tradicionais se sobressaem aos tecnológicos.

**Palavras-chave:** Discurso. Reportagem. Representação. Multimodalidade.

**Abstract:** *The present article is an excerpt of a TCC that analyzes how the Asian country called China is represented in the discourse built in TV reporting "Two Chinas", produced in November 2010 and shown by Globo Reporter. The research was conducted from the theoretical approach that brings together Critical Discourse Analysis (called ACD in Portuguese) and the Grammar of Visual Design (also called GDV in Portuguese), because we believe that the discourse, especially the television report, is a representation of the world, and are the languages or semiotic modes, that build such representations. The intention therefor was to identify how different semiotic elements are mobilized to construct representations and analyze how the duality of China is discursively constructed in the genre of television report. The articulation of different languages (verbal, imagery, musical) and resources (sound effects, camera movements, use of color) also shows that the television report is a genre that requires from professionals a wide and deep linguistic knowledge. The analysis from the selected corpus, resulted in the discourse of traditional China's prominence in the construction of the story, showing a country that wants to keep their culture and at the same time seeks modernity. Such a representation of the country, built in the story, is due to the fact that traditional cultural aspects outnumber the technology.*

**Keywords:** *Discourse. Language. Representation. Multimodality.*

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo da UNICRUZ. E-mail: [joaobridi@hotmail.com](mailto:joaobridi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho; professora do curso de Jornalismo da UNICRUZ e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL-UFSM), linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social; bolsista CAPES. E-mail: [veromastella@hotmail.com](mailto:veromastella@hotmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

A atividade jornalística, dentre as inúmeras atividades profissionais, certamente é uma das que mais faz uso de linguagens. O jornalista, em diferentes suportes tecnológicos, e fazendo uso de diferentes modos semióticos, constrói representações de acontecimentos passados e projeta acontecimentos futuros, de personalidades famosas ou não, e, de modo geral, representa mundos – sejam eles reais ou imaginários. Fairclough (2003, p. 8) salienta que “representar é construir textualmente o mundo social”, e tudo que pode ser construído pela linguagem, ou por várias linguagens, é um discurso. A linguagem é condição *sine qua non* para a existência da vida social e a vida social é organizada por meio de gêneros discursivos. Muitos dos gêneros discursivos da contemporaneidade são aperfeiçoamentos dos gêneros antigos, como o e-mail e a carta. Bakhtin entende isso como a ‘transmutação’ dos gêneros e assimilação de um gênero por outro gerando novos.

Na atividade jornalística é possível identificarmos inúmeros gêneros discursivos, entre os quais, a reportagem televisiva cujas representações da realidade são construídas textualmente na articulação de diferentes linguagens. Nessa articulação de modos semióticos e/ou linguagens combinam-se a linguagem imagética, verbal (oral e escrita), além de efeitos visuais a partir de recursos tecnológicos da câmera, cores, trilha musical, efeitos de áudio entre outros. Constatamos assim que o gênero discursivo reportagem televisiva é constituído de inúmeros modos semióticos para construir representações. Assim, o conjunto de linguagens presentes na reportagem televisiva a caracteriza como um gênero multimodal.

Muitas pesquisas já foram realizadas tendo como objeto de estudo a reportagem televisiva, no entanto, ainda há poucas investigações sobre esse gênero discursivo sob a perspectiva da Gramática do Design Visual (GDV) (Kress e Van Leeuwen, 2001). Portanto, a proposta deste estudo foi analisar como é representada a China no discurso construído na reportagem “Duas Chinas”, produzida em novembro de 2010, pelo Globo Repórter, a partir da multimodalidade presente em sua composição. Procuramos nortear nossa análise a partir de três hipóteses: 1. A reportagem é construída por meio de diferentes linguagens e o discurso procura evidenciar a dualidade da China; 2. O discurso da China tradicional está em proeminência na construção da reportagem, isto é, um país que deseja manter sua cultura é preponderante; e 3. Os aspectos culturais tradicionais se sobressaem aos tecnológicos nessa representação do país, construída na reportagem.

De maneira mais específica, a intenção, além de aprofundar conhecimentos acerca de



gêneros discursivos multimodais, em especial reportagem televisiva, foi também de identificar como diferentes elementos semióticos são mobilizados para construir representações e analisar como a dualidade da China, país asiático, é construída discursivamente no gênero reportagem televisiva.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Além da linguagem verbal (oral ou escrita) o ser humano em seus processos comunicacionais faz uso de outros modos semióticos. A linguagem não-verbal reúne desde gestos, imagens estáticas ou em movimento, ilustrações, símbolos, músicas, etc.. Até mesmo o silêncio pode construir significação.

Desde tempos imemoriais, usamos símbolos – mensagens sintéticas de significado convencional. São como ferramentas especializadas que a inteligência humana cria e procura padronizar para facilitar a sua própria tarefa – a imensa e incansável tarefa de compreender. A característica dominante do símbolo é fugir da palavra ou frase. Em outras palavras podemos dizer que muitas vezes o símbolo, a linguagem não verbal, de certa forma, pode comunicar o mesmo que a linguagem verbal. A placa de “PARE”, e o sinal vermelho do semáforo, por exemplo? “John Wallis, criando aquele “oito deitado” (8), resolveu o problema da transmissão inconfundível do conceito do infinito. E René Descartes sintetizou ainda mais a já sintética notação algébrica, escrevendo x no lugar de xxx – eis alguns exemplos recentes” (WEIL e TOMPAKOW, p. 9)

Colin Cherry (*apud* PIGNATARI, 2003, p. 46) diz que a “linguagem é um vocabulário (de signos) e o modo de usá-los”. Neste estudo adotamos a concepção de que a linguagem/linguagens são modos semióticos, que se apresentam de diversas formas – através do som, da imagem ou de gestos e tais linguagens podem ser acionadas individualmente ou unidas e articuladas a partir de um propósito comunicativo.

Essas inúmeras linguagens ao serem utilizada constroem um discurso, significam e comunicam. É basicamente o que postula Eliseo Verón (*apud* EMERIM, p. 03, 2014) ao enfatizar que o suporte material do discurso é a manifestação – ou seja, textos, imagens, gestos; “é ele quem oferece as condições para o estudo empírico da produção de sentido, embora se constitua em fragmentos da semiose”.

### 2.1 A linguagem organizada em gêneros discursivos

De acordo com Bakhtin (2003), cada esfera humana, na qual a linguagem emana, produz seu repertório de discursos relativamente estáveis – os gêneros do discurso. Os gêneros do discurso são infinitos e sua heterogeneidade está presente em todo o dia a dia de qualquer pessoa que não fique trancafiada em um quarto branco. “Produzimos e lemos em todos os momentos da nossa vida



textos escolares, literários, jornalísticos, pessoais, oficiais, e ainda reconhecemos em cada um as suas características próprias.” (NAGAI, 2014). A partir de Bakhtin, Nagai exemplifica os tipos de textos, ou de gêneros do discurso.

Aos mais flexíveis chamamos informais, pode ser uma carta para a mãe, um bilhete que escrevemos escondido durante uma aula chata, um bate papo na internet, ou a fala corriqueira entre as pessoas. Já aos textos menos flexíveis, que são mais rigorosos na sua estrutura, chamamos textos formais, são os ofícios (declaração, solicitação, contrato, etc.), os textos literários, os científicos, os jornalísticos, etc. Além dos textos formais e informais, temos os tipos de textos verbais e não-verbais. Os primeiros são aqueles predominantemente escritos. (...) Porém também há os textos não-verbais que se caracterizam ou pela oralidade, pelo som, ou pela visão. Um exemplo de texto oral é a música, que podemos chamar de textos, pois tem um autor que a direciona ao leitor, ou ouvinte; as músicas são produzidas geralmente com um sentido; têm um contexto e tem uma estrutura material. (...) podemos classificar como texto também a pintura, um texto visual. Cada autor tem sua forma de se expressar através de um quadro. (...) A possibilidade de se produzir ou se compreender um texto é infinita devido às infinitudes de tipos de textos, ou seja, de gêneros do discurso que existem ao longo da sociedade. (NAGAI, 2014).

## 2.2 O gênero discursivo reportagem televisiva

No jornalismo, as informações são explanadas em diversos gêneros textuais, os quais podem ser construídos de diferentes formas quando aplicados ou no rádio, TV, revista. Marques de Melo (*apud* PENA, 2006, p. 69) procura sistematizar o jornalismo organizando-o em duas categorias: jornalismo informativo - composto por nota, notícia, reportagem e entrevista – e jornalismo opinativo – editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Para ele, a distinção entre os quatro gêneros do jornalismo informativo está na progressão dos acontecimentos. Lage (2001, p. 83) salienta que a reportagem “Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente”.

Assim, a televisão oferece muitos recursos para a produção desse gênero discursivo jornalístico. Felipe Pena (2006) explica que a reportagem televisiva pode representar melhor o gênero reportagem por dispor da retórica do repórter, aliada ao “efeito demonstração” das imagens com o movimento e a cor, que corroboram na busca de credibilidade.

Na concepção de Nilson Lage (2005), reportagens, numa análise geral, são, frequentemente, pequenos documentários que convocam o público a participar. Essa comparação se deve principalmente à existência de um roteiro, ou seja, um guia em que se especificam narrações



ou locuções, elementos de efeito de câmera (como cortes, *zoom in*, *zoom out*<sup>3</sup>, *fade in*, *fade out*<sup>4</sup>), deixas, efeitos, entrevistas, duração ou pontos de corte.

Tanto o texto, a narração, a música, a imagem e seus efeitos, todos são linguagens são escolhidos e colocados de determinada forma no roteiro para representar (uma perspectiva de abordagem ou até mesmo uma ideologia). A televisão utiliza, essencial e principalmente, da linguagem imagética, o que revela haver ‘gramática visual’ presente neste gênero. Uma gramática visual, segundo os autores Kress e Van Leeuwen (2001), deve descrever como os elementos combinados em imagens contribuem para a elaboração do discurso. Essa combinação de várias linguagens para formar um texto é denominada pelos autores de Multimodalidade.

### 2.3 Multimodalidade

Segundo Kress e Van Leeuwen, os textos multimodais são os que admitem mais de um modo de representação semiótico, ou linguagem, como a oralidade, a escrita, a imagem estática ou em movimento, o gestual, o som, o toque, entre outros. A multimodalidade é a (co)ocorrência de diversos modos semióticos, ou diversas linguagens, que contribuem para a produção de sentidos.

(Na Perspectiva do GDV) Um ‘tecer’ junto, um objeto fabricado que é formado por fios ‘tecidos juntos’ – fios constituídos de modos semióticos. Esses modos podem ser entendidos como formas sistemáticas e convencionais de comunicação. Um texto pode ser formado por vários modos semióticos (palavras e imagens por exemplo) e portanto, podemos chegar à noção de multimodalidade. Com o advento de materiais computadorizados, multimídia e interacional, esta forma de conceituar a semiose se torna cada vez mais pertinente. (Kress (1995, p.7-11) *apud* SANTOS (2014, p. 8)

Para analisar os textos multimodais Kress e Van Leeuwen (1996, 2001) desenvolveram a Gramática do Design Visual. Na GDV, de Kress e Van Leeuwen (2001), é feita a análise da semântica<sup>5</sup> e da sintaxe<sup>6</sup> visuais, a fim de descrever a maneira como os elementos presentes no texto visual, como indivíduos, objetos e lugares, se combinam criando “sentenças visuais” e seus significados. Desta forma, a GDV, levando em conta os vários meios semióticos, ou linguagens, utilizadas na construção do sentido, permite a análise total do objeto, “entre outros, pela identificação do tipo de relação estabelecida com o leitor, pela observação dos recursos utilizados pelo produtor do texto e pelas intenções ali materializadas”.

<sup>3</sup>Zoom é um método usado para se aproximar (*in*) ou afastar (*out*) imagens (Dicionário escolar da língua portuguesa/Academia Brasileira de Letras. 2ª edição. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2008. p. 1 312.)

<sup>4</sup>Fade in é "aumentar gradualmente" (imagem ou som) e *fade out* "diminuir gradualmente".

<sup>5</sup>Segundo o minidicionário Luft (2001, p. 600), semântica é a “ciência das significações dos elementos lingüísticos”. Estudo da significação das palavras através do tempo e do espaço.

<sup>6</sup>Segundo o minidicionário Luft (2001, p. 609), sintaxe é a “parte da gramática que trata da organização das palavras no discurso.”





A partir disso, vale evidenciar que são os significados - também chamados de metafunções - representacionais, os interacionais e os composicionais que atuam ao mesmo tempo na imagem. A função representacional é obtida nas imagens através dos participantes representados que podem ser pessoas, objetos ou lugares. Os significados representacionais no visual se dividem em duas estruturas: narrativa e conceitual. A primeira se refere ao processo de ação, neste caso é do Participante Representado (PR) na imagem que parte o vetor (a ação) ou, em certos casos, ele próprio é o vetor. Já a conceitual representa os participantes em termos de sua “essência”, podem ser construídas por meio de três tipos de processos: os processos classificacionais – onde aparece um participante subordinado e um subordinador, não há vetores; os processos analíticos - representados segundo uma estrutura de parte e todo; e os processos simbólicos – estes se referem ao que o participante significa ou é.

Os significados interpessoais são transmitidos pela metafunção interacional<sup>7</sup>. Nesse processo as fontes visuais constituem a natureza do relacionamento entre observadores e observado. Os significados interativos incluem o contato, distância ou afinidade social e atitude. O contato possibilita a classificação das imagens a partir do olhar, como sendo demanda – onde o Participante Representado (na imagem) olha diretamente para o leitor ou telespectador, ou oferta – quando se dirige ao leitor de maneira indireta. O segundo significado interativo é revelado pelo tamanho da moldura e tipos de enquadramento, o que pode representar a proximidade social dos participantes representados. A atitude é expressada pelos ângulos, cores, contexto, detalhes, profundidade.

Os significados textuais transmitidos pela metafunção composicional estão relacionados com os aspectos do *layout* do texto. Kress e van Leeuwen (2000, p. 181) argumentam que a posição que os elementos ocupam no visual lhes confere “valores informativos específicos” fazendo com que esses elementos se relacionam entre si. Segundo os autores, a posição dos elementos na imagem dará com que esses elementos adquiram valores de informação, pois eles interagem, afetam e são afetados pelos outros elementos da composição. Assim, adquirem uma representação.

---

<sup>7</sup> Kress e van Leeuwen (2000) argumentam que as imagens além de realizarem a interação entre os elementos que as compõem, elas estabelecem uma interação entre quem as vê e quem as produz. Elas interagem com o observador, (...) dessa maneira, os recursos disponíveis na imagem não se limitam apenas a retratarem os participantes e as relações que estabelecem entre si, (...) esses recursos possibilitam que haja uma relação entre o produtor da imagem e o observador, que ocorrerá através da imagem (NOVELLINO, 2007, p. 66)



## 2.4. Análise Crítica do Discurso

Os princípios da Análise Multimodal de Kress e van Leeuwen estão associados aos da Análise Crítica do Discurso, em especial, Fairclough (2001). Ambas são úteis por se pautarem na análise das escolhas multimodais incluídas em textos midiáticos com base na seleção de opções dentro do potencial de significação que a linguagem e outros meios semióticos.

Günter Kress é o estudioso fundador da perspectiva semiótica da ACD, na já mencionada Gramática do Discurso Visual. Ele será base para este estudo devido a seu destaque na atuação nos trabalhos sobre as teorias multimodais, concepção acerca de que o discurso se constrói não só com base nos significados atrelados às palavras, mas também naqueles ligados à imagem.

Norman Fairclough, um dos estudiosos mais atuantes na ACD, defende que essa perspectiva de análise possibilita compreender as relações entre o discurso e outros elementos da prática social. Ele entende que qualquer evento discursivo é, ao mesmo tempo, um texto, uma prática discursiva e uma prática social – a chamada perspectiva tridimensional do discurso. O autor ainda toma como base a dialética do discurso – na qual o discurso constitui a realidade social, e ao mesmo tempo é constituído por ela. Segundo Fairclough (2001), há uma relação dinâmica entre o discurso – midiático - e o mundo sociocultural, podendo ter um caráter transformador ou reprodutor das práticas sociais. “O discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). A partir disso, ainda na concepção do autor, o discurso não só é construído pela sociedade como também ajuda a construir essa mesma sociedade.

## 3. METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS

### 3.1. Universo de análise e critério de seleção do *corpus* de análise

Nosso universo de análise é o Globo Repórter, um dos programas mais conhecidos por exibir grandes reportagens, as quais se assemelham com documentários. Desde sua estreia o Globo Repórter pode ser considerado referência. Em abril de 2013 o programa comemorou 40 anos nas telas da TV brasileira. Devido a isso, a Globo Marcas lançou um *box*<sup>8</sup> com três DVDs, os quais trazem um total de 10 grandes-reportagens gravadas pelo mundo. A repórter Glória Maria

---

<sup>8</sup> Em inglês significa caixa, a qual abriga os DVDs. Geralmente são utilizados para coleções especiais de filmes ou seriados.



(GM), que retornou ao programa em 2010, passa por Brunei, China, EUA, Cingapura, Butão, Deserto do Atacama, Omã, Dubai, Eslovênia e França. Dentre essas, analisamos a reportagem gravada na China que além de estar presente no *box* “Destinos Fascinantes”, está demarcado na linha do tempo do programa, disponível para acesso no site da Memória Globo.

Olá! Bem-vindo ao nosso DVD de aniversário do Globo Repórter. Há 40 anos levamos o mundo para dentro da sua casa. Mais de mil programas, mais de cem países mostrados em todos os seus ângulos pelas nossas câmeras. E no momento em que nos tornamos quarentões, apresentamos a você uma seleção de viagens inesquecíveis. A frente da nossa equipe, a repórter Glória Maria. Prepare-se para um giro pelo planeta: Ásia, Europa, América, Emirados-Árabes, Glória nos traz o que encontrou de mais surpreendente nesses países tão distantes e tão diferentes do Brasil. Vamos lá?! (GLOBO REPÓRTER, 2013)

Ao iniciar a visualização do DVD naturalmente começa-se pelo disco 1. Neste disco estão disponíveis três reportagens, dentre elas, uma sobre a China. Esta reportagem foi escolhida por ser a única em cujo título, além de constar o nome do país, há uma referência sobre o enfoque adotado. Nas outras nove reportagens sobre os outros nove países, o título é apenas o próprio nome do país. No caso da reportagem sobre a China, o título é “Duas Chinas”. O título dado à reportagem chama atenção por já apresentar um foco, o fio condutor do que foi gravado e exibido: de explicitar e representar uma possível dualidade existente no país e sua cultura.

### **3.2. Perspectiva de análise**

Para identificarmos como a dualidade da China é representada por meio da instanciação de linguagens, na reportagem “Duas Chinas”, nos apoiaremos no referencial teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD) e na Gramática do Design Visual (GDV). Assim, por meio de uma análise multimodal, isto é, dos diferentes modos semióticos presentes na construção da reportagem televisiva, buscamos compreender que representação/representações da China está(ão) presente(s) no(s) discurso(s). Kress e Van Leeuwen (2001, p.21) entendem que a multimodalidade é a co-ocorrência de diversos modos semióticos, ou diversas linguagens, “que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação”. É o caso da reportagem televisiva “Duas Chinas”.

Assim, a partir das metafunções da GDV: representacional, interacional e composicional realizamos a análise. Em alguns momentos nos detivemos e enfatizamos mais uma ou outra função procurando, no entanto, ao final do procedimento, considerar o todo da





imagem em análise. Tal procedimento é recomendado por Kress e Van Leeuwen postulam que a imagem deve ser analisada no todo.

O importante é que elementos desconexos serão lidos como, em certo sentido, separada e independente, talvez até como unidades de significado em contraste, enquanto elementos ligados serão lidos como pertencentes juntos em algum sentido, como contínuo ou complementar (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, p. 1 e 2).

Ou seja, buscando, identificar como as funções da linguagem atuam na construção do discurso no gênero reportagem televisiva.

### 3.3. Descrição do corpus de análise

A reportagem “Duas Chinas” totaliza 43 minutos de duração. Para a análise foram escolhidas tomadas, *takes* do vídeo para serem discutidos. Essas tomadas foram selecionadas devido à saliência das multilinguagens escolhidas para comunicar uma representação. A partir desses *takes* buscamos revelar qual discurso – entre as duas Chinas – está em evidência no gênero reportagem televisiva “Duas Chinas”.

Para o trabalho de conclusão de curso foram escolhidas 10 tomadas, sendo que cada uma possui um codinome. Dentre essas tomadas, selecionamos cinco para este recorte. Neste relato, cada tomada tem um codinome. Por exemplo: *Take 1 – Abertura*. A intenção é facilitar a descrição da tomada no decorrer das discussões.

Tabela 1- *Takes* e Codinomes

Take	Codinome
1	Apresentação
2	Multichina
3	Reflexo
4	Desfoque
5	Vermelho



A primeira tomada selecionada é a que inicia o vídeo, logo após a vinheta de abertura. Ela faz um compilado de imagens que mostram o antagonismo da China – apresentando à primeira vista as características de uma China moderna<sup>9</sup> e uma China tradicional e milenar. Designamos esta cena de **Apresentação**.

A **Apresentação**, portanto, totaliza 93 segundos. A primeira imagem escolhida é a da chama de uma vela vermelha, que tem em seu corpo anagramas chineses em cor dourada. A imagem inicia desfocada e, junto ao som (um solo) de instrumentos como flautas e bambus, revela o movimento do fogo. Essa é a única transição sutil entre imagens dentro dos próximos segundos. O compilado de imagens características das Duas Chinas é construído a partir de transições aceleradas e que ilustram o movimento desenfreado – tal como a China moderna.

Denominamos a outra tomada de **MultiChina**. Glória Maria fala sobre a diferença social existente no país mais populoso do mundo, somada a diferença cultural com o Brasil e também na Ligiã. A Ligiã é o ponto de encontro das Duas Chinas, unindo os mais velhos e tradicionais aos mais novos e autênticos.

As três tomadas seguidamente descritas foram denominadas como extras, pois na verdade não são *takes* em separado, mas sim um compilado de momentos da reportagem em que o uso das linguagens é mais específico. A intenção é de apresentar quais linguagens e recursos visuais mais aparecem, e qual o significado que elas oferecem aos participantes (produtores e telespectadores) do gênero reportagem televisiva. Essas linguagens reforçam o sentido de dualidade.

A primeira é o uso do **Reflexo**, característica que reforça a dualidade de um mesmo ser. A próxima sobre o recurso tecnológico do **Desfoque**, na qual um elemento se sobressai ao outro após o uso deste. O último é o **Vermelho**, o fogo e o sol. Para os chineses o sol representava o poder imperial que iniciou a história do país.

## 4. ANÁLISE E RESULTADOS

### 4.1 Apresentação

A tomada denominada **Apresentação** foi analisada basicamente na função representacional-conceitual, tanto no sentido analítico quanto no simbólico. Da chama na vela

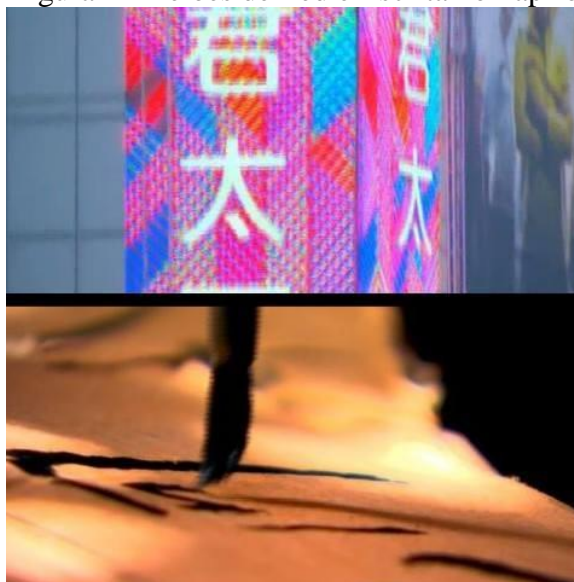
---

<sup>9</sup> É importante ressaltar que levamos em conta o conceito de que moderno é aquilo referente à atualidade, algo que respeite o que é desta época. Recente. Ou seja, não consideramos o período histórico do modernismo (1890-1910).



vermelha, a transição nos leva aos monges e depois a uma característica marcante dos orientais: o olho. Rapidamente luzes decorativas tomam conta da imagem até serem desfocadas e darem lugar às luzes dos automóveis. Do asfalto a imagem nos leva aos campos chineses e ao trabalho manual, e nos leva de volta às rodovias. Tudo isso ao som do instrumental chinês, misturado ao canto e ronco dos motores. Enormes telões de *led* são colocados ao lado dos ideogramas feitos no papiro. O silêncio da meditação do Buda é invadido pelo som das buzinas.

Figura 1 – Telões de Led e Escrita no Papiro



Fonte: Globo Repórter (2013).

Esse compilado de imagens dá a introdução do que vem pela frente. Em 46 segundos a reportagem é resumida, apresentando características da China tradicional e da China moderna. As transições aceleradas, que nesse caso simbolizam o movimento, encerram ao iniciar o *off*<sup>10</sup> da repórter Glória Maria (GM). É nesse instante, levando em conta o sentido analítico, que a reportagem apresenta o foco da reportagem: a parte e o todo. As características de uma ou outra China (parte), que convivem em unidade (todo).

Tão distante, tão misteriosa. O indecifrável som de 1 bilhão e 300 milhões de vozes. Intrigantes costumes moldados em 10 mil anos de história. A China que hoje surpreende o mundo é uma mistura de desejos e memórias. O que encontramos no outro lado do planeta não foi apenas um país, foram dois. Duas Chinas que vivem um grande desafio. (GLÓRIA MARIA, 2013)

Até o final dessa fala da repórter, o compilado de imagens continua e é acompanhado

<sup>10</sup> Texto gravado pelo repórter (CASA DOS FOCAS, 2013) geralmente utilizado para cobrir uma imagem na reportagem televisiva.



do som instrumental dos bambus da música chinesa. A cada instante em que a fala chega ao fim, a música fica mais vibrante/agressiva, sendo substituída pelo som de tambores. Considerando a metafunção representacional isso simboliza, novamente, a parte e o todo da China.

De um modo geral, os instrumentos de sopro desempenham o papel mais importante na música *chui da* popular no Norte, em comparação com o que acontece na música *chui da* popular no Sul (da China), que faz realçar a participação dos instrumentos de percussão. (LINGYU E WIEMIN, 2007, p. 128)

Associado ao som desses instrumentos, a música fica mais rápida e acompanha a apresentação de uma das Chinas: a moderna. Em frente a vários prédios iluminados presentes no país, Glória Maria inicia sua passagem<sup>11</sup>. “Uma China tem pressa. Puxada por uma economia poderosa, as mudanças vão e vem numa velocidade de tirar o fôlego” (GM, 2013). Justamente a velocidade é evidenciada nesse caso. Tanto na dicção da repórter, quanto no uso de transições de imagem.

Ao mudar para o cenário tradicional, as linguagens são modificadas. Ao lado de elementos decorativos tradicionais da China, e literalmente passeando pelo local, Glória Maria apresenta a China milenar num discurso calmo e tranquilo. “A outra China caminha mais devagar, se moderniza lentamente tentando não deixar se perder no tempo a maior riqueza desse país: a tradição do seu povo” (GM, 2013). Uma música clássica, semelhante à ópera, é utilizada para representar a calma e nostalgia da China. Inclusive, as óperas tradicionais chinesas, de acordo com Feng Lingyu e Shi Wiemin (2007), são reconhecidas como uma das três maiores escolas teatrais do Mundo, juntamente com a escola grega e a sânscrito.

Nessa tomada o discurso de transição da China e sua dualidade está em evidência.

#### 4.2 MultiChina

A tomada **Multichina** foi analisada a partir da metafunção representacional, pois representa a transição que o país vive atualmente. É quase como uma retomada da **Apresentação** da reportagem. Inclusive é com os ideogramas que a tomada inicia. “Tradição e modernidade. Até mesmo as formas dos ideogramas que resumem o que a China vive hoje se confundem” (GM, 2013). Feng Lyngiu e Shi Wiemin confirmam o que Glória Maria diz, mas afirmam que os ideogramas são uma das características que ainda unificam a China.

<sup>11</sup> É quando o repórter aparece na reportagem de TV. A gravação geralmente é feita no local da notícia e traz informações adicionais. (CASA DOS FOCAS, 2013).



# XVII

## Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

Os caracteres chineses são um reflexo da cultura chinesa que data de há milhares de anos e a análise da sua estrutura e forma originais, com a finalidade de rastrear as suas raízes, traz a lume a mentalidade, os costumes e hábitos dos antigos Chineses. (...) São numerosos os exemplos, o que justifica a assertiva de estudiosos que dizem que, ao “decifram” os caracteres chineses, estão, de facto, a aprender a história da China. A expressividade dos caracteres chineses transcende tempo e espaço. Com o passar do tempo, a pronúncia de muitos caracteres alterou-se, mas mudança nenhuma ocorreu na sua estrutura e no seu significado básicos. (...) Apesar dos dialectos variarem amplamente de lugar para lugar na China, isso não afecta o significado básico dos caracteres. Na realidade, a linguagem escrita comum tem-se mostrado vital para a unidade da Nação Chinesa e o carácter de permanência da sua História. (LYNGIU E WIEMIN, 2007, p. 37 e 38)

Prova dessa unidade, e desse antagonismo chinês, ocorre uma transição dos ideogramas feitos com pincel no papel<sup>12</sup> - uma das invenções dos antigos chineses, para as escritas tecnológicas nos *leds* do país.

As transições entre os paralelos da China são contínuos, ou seja, a parte e todo. Na sequência, o *off*, a música e a imagem constroem conjuntamente para simbolizar os contrapontos das regiões do país. “A vida melhorou pra grande maioria, em oito anos a renda média dos chineses deu um salto. Quase triplicou” (GM, 2013). Até este ponto a música é vibrante e acelerada. No entanto, posteriormente, um impacto triste é causado no telespectador, por ambas as linguagens. “Mas rodando pelas terras mais distantes fica fácil perceber que as luzes das grandes cidades não brilham tão forte aqui” (GM, 2013). Nesse momento a música é substituída, ao mesmo tempo em que outras imagens são exibidas. “Uma imensidão de gente ainda leva uma vida pobre. Homens e mulheres que esperam a chegada da prosperidade” (GM, 2013).

A reportagem faz a dualidade do país, especialmente, em relação às questões econômicas. Em seguida, a reportagem tende a intensificar a ideia de dualidade e contrariedade, quando faz o contraponto do oriente com o ocidente. Através da culinária Chinesa, o gênero exhibe as diferenças da China com o Brasil. Quando é citado “O que para os turistas é exótico” (GM, 2013), ela se refere ao escorpião como alimento e logo após apresenta um café da manhã chinês incrementado com chá, macarrão e batatas – alimentos mais comuns para o telespectador, mesmo que não os consuma no café da manhã.

A cena final de **Multichina** retoma a ideia do *take Apresentação*. Um compilado de

---

<sup>12</sup> Os caracteres chineses, na sua forma mais primitiva, foram gravados em ossos e carapaças de tartarugas e, posteriormente, em artefactos feitos de bronze. Segundo registros históricos e achados arqueológicos, os Chineses do período Han do oeste já produziam papel – no entanto, era papel tão cru que só podia ser usado para empacotamentos. No ano de 105 d.C., Cai Lun aperfeiçoou as técnicas de produção de papel e o tipo de papel que produzia, usando cascas de árvores, trapos, fibras de cânhamo e redes de pesca descartadas como matéria-prima não era bom apenas para a escrita, mas era também eficiente do ponto de vista do custo.





características, tanto da China tradicional como da China moderna, são apresentados em Ligiã, a Cidade da Primavera Eterna. Essa representação da união das Duas Chinas acontece na linguagem verbal de Glória Maria, e é estimulada na linguagem imagética. Levando em conta a função composicional, a reportagem apresenta novamente a transição do país e sua dualidade e, em especial nessa cena, sua unidade. “Na maioria das cidades da China pouco espaço separa o antigo do moderno” (GM, 2013).

A ideia de que as Duas Chinas estão unidas é ainda mais evidenciada no decorrer da última cena da grande-reportagem. Nessa parte da **Multichina**, nos ativemos à função representacional. Enquanto passeia por Ligiã, a repórter faz sua passagem, e através dos gestos representa a união das Chinas. Quando fala da China tradicional aponta para o homem com o tradicional e famoso “chapéu chinês”, e quando se refere a China moderna aponta e olha para o chinês com uma câmera na mão (Figura 2). Numa análise composicional, a China tradicional, representada à esquerda do vídeo é a informação dada, enquanto a China moderna, representada à direita do vídeo é a informação nova.

Figura 2 - Passeando pelas Duas Chinas



Fonte: Globo Repórter (2013).

A linguagem verbal retoma a ideia de união e avanço do país, a qual é reforçada pelas linguagens imagética e sonora. “No labirinto de pequenas ruas de pedra, mais uma vez vamos cruzando com esses dois mundos paralelos. Os mais velhos seguem devagar com trajes iguais aos de seus antepassados” (GM, 2013). Nesse caso a música é rápida e agitada – representando o avanço sem fôlego da China – no entanto, sendo tocada por instrumentos tradicionais de corda – simbolizando as raízes tradicionais do país. Já, o texto imagético apresenta um casal de idosos, que estão vestidos tais quais seus antepassados.

Ao se referir ao mundo moderno, a imagem e o *off* fazem o contraponto dos idosos para os jovens. “Os mais jovens vão com pressa, usando roupas de marca e cabelos com cortes modernos” (GM, 2013). Aos textos verbal e imagético é associado uma trilha sonora, com uma música com letra, mais animada e contemporânea.



A música instrumental retorna à reportagem para representar novamente a China tradicional. “Na praça para onde convergem as ruas da cidade antiga, os animais ajudam a chamar atenção das máquinas fotográficas. O artesão continua fabricando suas peças, e a menina trançando seus lenços tranquilamente” (GM, 2013). Além disso, a dualidade e unidade do país são reforçadas quando se fala das máquinas fotográficas como sendo elementos da China moderna, e da profissão de artesão, como sendo características da China tradicional, ambos existindo ao mesmo tempo. Tanto que depois, as duas músicas – instrumental e contemporânea – são executadas uma sobre a outra.

“As Duas Chinas que hoje surpreendem o mundo são o enigma que eles vêm aprendendo a decifrar” (GM, 2013). Nessa tomada o discurso de unidade da China está em proeminência.

#### 4.3 Reflexo

A primeira tomada extra analisada foi a denominada **Reflexo**. Nesse caso nos ativemos à função representacional para entender o significado do grande uso de imagens refletidas, tanto em espelhos, vidros ou na água. Percebemos que o uso desse tipo de imagem é utilizado, em exclusivo ou na maior parte da reportagem, durante o discurso da China moderna.

O uso do reflexo na linguagem imagética aparece pelo menos 14 vezes na reportagem. Em especial, selecionamos a cena em que o reflexo aparece pela primeira vez na reportagem televisiva. A partir da Teoria da Multimodalidade, levamos em conta a união da imagem com o áudio e a trilha sonora para uma análise aprofundada.

No momento em que Glória Maria fala: “o que encontramos no outro lado do planeta não foi um país, foram dois”, é quando a primeira imagem em reflexo aparece. Nesse caso um templo tradicional chinês é refletido nas janelas de um prédio executivo moderno. Essa união de linguagens, somada ao efeito sonoro dos tambores, representam o quanto a China se moderniza, tendo como base sua história milenar.



Figura 3 - Dois países



Fonte: Globo Repórter (2013).

O uso do reflexo auxilia a simbolizar o dualismo da China, e ao mesmo tempo a sua união – sua parte e seu todo. De acordo com Glória Maria, é o “reflexo das mudanças que movem a China”. Ou seja, o uso dos reflexos tende a representar o futuro da China, seu desenvolvimento e modernidade.

#### 4.4 Desfoque

Em **Desfoque** levamos em conta a função composicional, a qual infere na função representacional. O *take* trata do momento de transição da China, e aparece tanto no discurso moderno como no tradicional. Está relacionada ao uso de um recurso tecnológico da câmera, que através do foco, coloca um ou outro elemento da imagem em primeiro plano.

No caso das imagens selecionadas em **Desfoque**, há a troca de um elemento em primeiro plano, o qual possui mais destaque, para outro, que passa a tomar conta do discurso. De certa forma, o uso desse efeito representa o discurso tradicional em primeiro plano, sendo substituído pelo discurso moderno. O uso composicional do foco, de atribuir significado e saliência a um ou outro elemento, aparece pelo menos 13 vezes durante a reportagem.



Figura 4 - Desfoque



Fonte: Globo Repórter (2013).

#### 4.5 Vermelho

Deixamos **Vermelho** por último por ser o que mais fica em proeminência durante a reportagem. Nesse caso identificamos o uso da cor vermelha, do sol e do fogo na construção da reportagem. Decidimos unir as três características, pois, na cultura chinesa, ambas estão correlacionadas.

Conforme Feng Lyngiu e Shi Wiemin, os chineses vivem em busca da felicidade e da boa sorte. Os autores explicam que a felicidade, aliada a longevidade e muitos filhos, é o desejo mais importante entre o povo Chinês. A cor que representa a felicidade, na cultura da China, é o vermelho brilhante.

No Festival da Primavera, peças de papel vermelho brilhante, inscritas com o caractere “felicidade”, são espalhadas por toda a casa – postas nas paredes, janelas e mobílias. (...) Nas celebrações nupciais, penduram-se peças de papel vermelho brilhante que trazem inscrito a combinação de dois caracteres sugerindo que as bodas sejam um acontecimento feliz para as famílias do noivo e da noiva. (...) Palavras auspiciosas são sempre inscritas em papel de cor vermelha brilhante e, da mesma forma, os versos em par dos festivais. Para além disso, as lanternas de cor vermelha brilhante são penduradas quando se celebram acontecimentos felizes. O vermelho brilhante é de fato, a cor da felicidade, que predomina nos casamentos, festas de aniversário, festivais, cerimônias de inauguração e assim por diante. Antigamente, era cor especial dos aristocratas e altos funcionários, daí a referência a homens *zhu* (portão vermelho brilhante) dada às residências das famílias de classes altas, ricas e poderosas. (LYNGIU E WIEMIN, 2007, p. 194 e 195)

Já o sol, para os chineses representava o poder imperial que iniciou a história do país e tende a significar algo positivo. O livro Mitologia Chinesa apresenta as principais lendas e



mitos do país. Dos contos disponíveis no livro, três se referem ao sol<sup>13</sup>, o que evidencia a importância da maior estrela do universo na filosofia de vida chinesa.

Como já mencionado, os antigos chineses sustentavam que o universo é formado por dois tipos de *qi*, o *yin* e *yang*. De acordo com LINGYU e WIEMIN (2007), o conceito *yin-yang* era originalmente utilizado para referir a direção em que se encontram os dois lados de alguma coisa em relação ao Sol. O mais próximo do sol era o *yang* – que mais tarde viria a tomar o significado de coisas dinâmicas, quentes, brilhantes, ascendentes e extrovertidas.

Além disso, o conceito de *yin-yang* está intimamente relacionado ao conceito de *wu xing* – “os cinco elementos” (metal, madeira, água, fogo e terra). Os antigos Chineses acreditavam que o universo físico se compunha desses cinco elementos. Na premissa teórica fundamental na medicina tradicional Chinesa, os elementos possuem órgãos vitais do corpo humano. Nessa linha, o fígado pertence à madeira; o baço pertence à terra; os pulmões, ao metal; os rins à água; e portanto, o coração pertence ao fogo – o que demonstra a relevância do fogo na vida dos chineses.

Relacionado ao fogo, e a busca da boa sorte e da felicidade, os chineses manifestam seus desejos através de animais e aves de bons agouros. O dragão é tido como o símbolo da Nação Chinesa, símbolo de orgulho nacional e entendido como entidade portadora do poder divino – o fogo, que confere felicidade às pessoas (LYNGIU E WIEMIN, 2007, P. 180).

Pois, o fogo, o sol e a cor vermelha estão correlacionados para os chineses. A partir disso, analisamos o vídeo e notamos que estas imagens aparecem pelo menos 25 vezes na reportagem, sendo que a maioria das cenas é usada para representar a China tradicional. Isso revela o quão o discurso milenar está em proeminência na grande-reportagem.

Figura 5 – Lanternas vermelhas brilhantes



Fonte: Globo Repórter (2013).

A proeminência da China tradicional, representada por, em especial, esses elementos

---

13 Hou Yi, o Arqueiro que derrotou nove sóis; Yandi, o Deus do Sol; Kua Fua, O perseguidor do Sol; (MITOLOGIA CHINESA, 19--)





é comprovada por Feng Lyngiu e Shi Wiemin. A linguagem imagética, através de atributos culturais, representa a China tradicional na maior parte do gênero discursivo reportagem televisiva. Talvez a intenção seja de valorizar os 10 mil anos de história, e não deixar isso se perder no tempo, pois cada vez mais a China se moderniza e as questões milenares poderão se extinguir.

Os Chineses modernos são ainda muito ligados à família e dão muito importância a linhagem de sangue. Porém, como foi dito antes, poucos se atêm à crença de que “mais filhos, maior felicidade”. Tais sinais auspiciosos tradicionais – sinais, padrões, etc. – são ainda utilizados e dão beleza à vida das pessoas, mas vêm perdendo ou modificando as suas implicações folclóricas. Os Chineses estão a desenvolver um novo modo de vida. Os festivais tradicionais perduram, continuam penduradas as lanternas vermelhas, as tiras de papel e as bandeirolas coloridas. No entanto, as atividades destes festivais estão-se a tornar cada vez mais diversas em forma e variedade. A caligrafia é, como sempre, apreciada, mas um número crescente de pessoas hoje escreve em computadores. O chá permanece como parte da cultura chinesa. Ao mesmo tempo, consome-se o café em quantidades cada vez maiores. As óperas tradicionais atraem ainda grandes audiências, mas as artes puramente ocidentais – tais como o ballet, a música sinfônica, por exemplo, - vêm-se tornando crescentemente populares. Nunca os Chineses gozaram de tanta liberdade de como viver suas vidas e de escolher a cor ou cores de sua preferência. A cultura chinesa desenvolve-se, acrescentando modernidade, ao mesmo tempo em que mantém a originalidade. Os Chineses permanecerão Chineses, por natureza. Indelével é a marca da cultura tradicional da China na alma dos Chineses – não importa onde estejam, dentro ou fora do país. (LYNGIU E WIEMIN, 2007, p. 193)

No entanto, apesar da grande presença do discurso tradicional a reportagem televisiva segue a ideia elaborada pelos autores Feng Lyngiu e Shi Wiemin. Mesmo com as representações de dualidade da China, o grande discurso construído pela reportagem “Duas Chinas” é a de um país unido. A unidade da China está em proeminência.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseados nos pressupostos da Gramática do Design Visual, da teoria da Multimodalidade e da Análise Crítica do Discurso procuramos analisar a representação da China na reportagem televisiva Duas Chinas, exibida pelo Globo Repórter. Após o estudo constatamos que a reportagem é construída por meio de diferentes linguagens e que o discurso não procura evidenciar somente a dualidade da China, como também sua unidade. Nossa análise, a partir do *corpus* selecionado, resultou na confirmação de que o discurso da China tradicional está em proeminência na construção da reportagem, mas o discurso presente na reportagem sugere que a China é um país que deseja manter sua cultura e, ao mesmo tempo, busca a modernidade. Tal representação do país, construída na reportagem, se dá em razão de que os aspectos culturais tradicionais se sobressaem aos tecnológicos.



A realização deste estudo permitiu ainda aprofundar os conhecimentos em relação a Gramática do Design Visual e compreender os processos discursivos e comunicacionais são realizados por meio da articulação de diferentes linguagens (modos semióticos). No gênero reportagem televisiva é uma espécie de emaranhado de linguagens e, portanto, rico em possibilidades de significação. A articulação de diferentes linguagens (verbal, imagética, musical) e recursos (efeitos sonoros, movimentos de câmeras, uso de cores) demonstra ainda que a reportagem televisiva é um gênero que exige dos profissionais um amplo e profundo conhecimento linguístico. A instanciação da(s) linguagem(ens) de forma mais consciente, que nos permite representar e interagir no mundo e sobre o mundo de modo mais eficiente, potencializa as chances de alcançarmos nossos propósitos comunicacionais.

O estudo permitiu ainda compreender os postulados da Análise Crítica do Discurso que entende o discurso como modos de representação e que a linguagem é um modo de ação sobre o mundo. Assim, quando construímos uma representação, estamos, em certa medida, (re)construindo o mundo em texto - no caso deste estudo, um texto multimodal - e podemos também representar o mundo de diferentes maneiras. Em outras palavras, em nossa ação como jornalistas, podemos (re)construir em texto diferentes perspectivas de mundo - seja da China, do Brasil, de nossa cidade, de nosso bairro -, o que aumenta nossa responsabilidade. Assim, a partir da combinação de linguagens, podemos construir representações mais fiéis ou não à realidade, mais alinhados ou não a determinados interesses econômicos ou sociais e assim por diante. E é imprescindível que um jornalista seja consciente que suas escolhas (de linguagens e de discurso) são modos de ação que impactam na vida social.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

COUTO, Sérgio Pereira. **A extraordinária história da China**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

EMERIM, Cárilda. **O texto na reportagem de televisão**. 2010. Artigo científico – Universidade Federal do Pampa. Caxias do Sul, Setembro de 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GLOBO, Memória. **Globo Repórter**. Disponível em:  
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/globo-reporter/primeiras-edicoes.htm>. Acesso no dia 16 de abril de 2014.



# XVII

## Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T; **Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication.** London: Arnold, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular, 2001

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft.** 21 ed. São Paulo: Ática, 2001.

LINGYU, Feng; WIEMIN, Shi. **A Cultura Chinesa.** Lisboa: A.F.P.I, 2007.

MARCAS, Globo. **Globo Repórter – Destinos Fascinantes.** [Filme-Vídeo]. Manaus: AMZ Mídia Industrial S/A. 2013. Dvd/Ntsc, 7h48min. Sonoro. Colorido.

MITOLOGIA CHINESA. **Quatro mil anos de cultura através dos antigos mitos e lendas da China.** São Paulo: Princípio, [19--].

NAGAI, Eduardo Eide. **Os gêneros do discurso.** Disponível em:  
<http://meuartigo.brasilecola.com/os-generos-discurso/>. Acesso em 26 de maio de 2014.

NOVELLINO, Marica Olive. **Fotografia em Livro Didático de Inglês como língua estrangeira: análise de suas funções e significados.** 2007. 203 folhas. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Março de 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SANTOS, Záira Bomfante. **As considerações da Gramática do Design Visual para a constituição de textos multimodais.** Disponível em:  
[http://www.unigran.br/interletras/ed\\_anteriores/n12/ASCONSIDERACOESDAGRAMATICADODESIGNVISUAL.doc](http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n12/ASCONSIDERACOESDAGRAMATICADODESIGNVISUAL.doc) . Acesso em 31 de maio de 2014.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala.** Petrópolis: Editora Vozes, 1995.